



**Rock 3**  
acrílica sobre tela, 2012  
(100x120 cm)

## Trabalhar cansa (2011)

**Trabalhar cansa** é um filme de 2011, dirigido por Marco Dutra e Juliana Rojas, que conta a história de Helena e Otávio, com foco maior na protagonista feminina e em sua trajetória, na tentativa de transitar entre as classes sociais com a recente aquisição de um mercado administrado pela mulher. Helena, interpretada por Helena Albergaria, é extremamente deprimida e aparenta estar sempre cansada, exausta, em sua interpretação, a atriz não deixa faltar nada nesse aspecto, convencendo o espectador de que vive os seus dias mais sofridos. O mesmo acontece com Marat Descartes, o intérprete de Otávio, que tem um desempenho crível como o recém-desempregado que vai à luta em busca de outro emprego e que lida com as frustrações de não o conseguir.

A princípio é visualizada a imagem de uma

família comum de classe média, que, antes dos problemas financeiros, já não era muito feliz em seu convívio. Dessa forma, as várias despesas passam a interferir como um agente do caos naquele núcleo familiar, imperando a partir do desemprego do pai, justamente quando a mulher decide iniciar seu sonho. Diferentemente do usual, o casal opta por apostar no desejo de Helena e investe na reconstrução de um mercado.

Nesse sentido, parte precisa da direção é a de dar enfoque na maneira como Helena passa a agir perante essas novas tentativas, como contratar uma doméstica para cuidar da casa e escolher os funcionários para seu comércio. Adiante, vemos o lidar da protagonista com todas as situações a sua volta e como elas interferem em seu dia a dia, levando seu comportamento ao extremo. Num primeiro

momento, a exaltação da ideologia burguesa, em um entendimento de que ela e sua família são superiores à doméstica simplesmente por terem um pequeno negócio. Um sintoma comum na sociedade atual, na qual a classe média acredita fazer parte da burguesia.

Dentro disso, existe uma falsa crença de superioridade por parte de Helena, que a faz tratar com desprezo seus funcionários e até mesmo acusar um deles de furto de mercadorias vencidas. Junto a isso, se vê a representação da mãe da protagonista, que trata mal a empregada doméstica e dispara chavões como o de gostar de fazer o serviço da casa, pois a relaxa. Assim, além da moral da protagonista ser colocada em prova, a exemplo da sentença de Paulo Freire, “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”, somos obrigados a conviver com o constante pensamento reducionista e ambicioso de pessoas que acreditam valer mais do que são em uma classe média alienada. Em uma das cenas, Helena vai à apresentação da filha na escola e presenciamos uma peça teatral sobre a abolição da escravidão carregada de racismo e preconceitos. A educação falha causa um mal-estar em todas as futuras gerações, com temas como o racismo e a falta de consciência de classe.

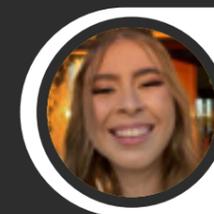
Tanto em **As boas maneiras** (2017), quanto em **Sinfonia da necrópole** (2014), Juliana Rojas consegue retratar com eficiência temas referentes às desigualdades sociais, utilizando um certo flerte com o misticismo em consonância com as críticas notórias ao capitalismo regente. Em **Trabalhar cansa** e em **As boas maneiras**, a perduração do uso da lenda do lobisomem é feroz e brutal como o próprio animal, seja na pele de uma criança, seja empalhado na parede de um mercado, a figura é presente na obra da diretora repercutindo a visão do selvagem, do pior lado do ser humano.

O uso desse mito é essencial, já que não poderia ser um leão, nem uma aranha, muito menos um macaco, pois a utilização de um

ser inexistente, que mistura uma fera perversa com a consciência dos seres humanos, fortalece o espectro das desigualdades que acabam por aflorar no povo o seu pior lado, o seu “lobo”. É a vitória do animalesco sobre a razão, a força da selva do mundo capitalista contra a paz de uma sociedade igualitária. Dentro desse contexto, é difícil não compreender que a utilização dessa representação remete à ganância humana e às insensíveis condições de vida no cenário brasileiro.

Para exemplificar, basta lembrar da música dos Titãs “Homem primata. Capitalismo selvagem”. Já no final do filme, a força desse trecho musical empreende muito perceptivelmente essa noção, uma vez que Otávio, sem forças para procurar emprego e cansado da rotina exaustiva, decide ir até uma palestra motivacional que promete ajudar na recuperação e na busca por um novo serviço. Ao assistir à cena, é impossível não lembrar dos *coachs* atuais, haja visto que no filme o palestrante profere gritos de guerra e ensina os mantras do empreendedorismo neoliberal. O condutor até mesmo faz com que os espectadores gritem e rujam como animais na selva, em uma representação do mundo do trabalho. E como não poderia ser diferente, Otávio, recém-abatido com o desemprego, aceita esse discurso e encerra o filme com um grito de pseudo-Tarzan da modernidade.

**Trabalhar cansa** tem uma conclusão um tanto quanto pessimista, que leva a pensar em duas frases muito significativas da obra. A primeira quando Helena fala para sua filha “Não brinca com isso, é sujo”, referindo-se ao dinheiro, e a segunda quando Paula, empregada da casa, consegue um emprego com carteira assinada, e seu novo chefe diz “Primeiro registro, heil!? Agora você existe”. Esses dois momentos cruciais simbolizam a áurea que cerca o filme, que consiste na discussão pela revisão das jornadas de trabalho atuais e na destruição da vida em prol de uma dignificação vil em busca de dinheiro. Sem emprego, não se é nada. Sem dinheiro, não se é nada. Até quando vamos aceitar ser nada?



**Maria Vitoria Izoton**

Maria Vitoria, 20 anos, estudante do 5º semestre de Cinema e Audiovisual da UFMT campus Cuiabá. Trabalha com edição e montagem para publicidade e cinema. Antiga redatora do Clube da Sétima Arte e participante do projeto Sessão BeloBelo.

[mariavitoriaizotonbatista@gmail.com](mailto:mariavitoriaizotonbatista@gmail.com)